

LESLEY-ANN JONES

QUEM MATOU JOHN LENNON?

AS VIDAS, OS AMORES E
AS MORTES DO MAIOR ASTRO DO ROCK

Tradução:
Isabela Sampaio

ROCCO

SUMÁRIO

Para pular o Sumário, clique [aqui](#).

ECOS

- Capítulo 1 COME TOGETHER
- Capítulo 2 ABANDONADO
- Capítulo 3 JULIA
- Capítulo 4 LUNA
- Capítulo 5 GIOCONDA
- Capítulo 6 INFERNO
- Capítulo 7 SVENGALI
- Capítulo 8 QUINTUS
- Capítulo 9 AMERIGO
- Capítulo 10 ALMA
- Capítulo 11 ANOS DE VIDA
- Capítulo 12 REDENTOR
- Capítulo 13 YOKO
- Capítulo 14 AREIA MOVEDIÇA
- Capítulo 15 REVELAÇÃO
- Capítulo 16 METAMORFOSE
- Capítulo 17 KYOKO

Capítulo 18 **MAY**

Capítulo 19 **RESSURREIÇÃO**

Capítulo 20 **REPLAY**

Capítulo 21 **FINALE**

CODA

DAYS IN THE LIVES: UMA LINHA DO TEMPO SELECIONADA

NOTAS

EM OUTRAS PALAVRAS

MÚSICA

BIBLIOGRAFIA SELECIONADA E RECOMENDAÇÕES

AGRADECIMENTOS

IN MEMORIAM

JOHN WINSTON ONO LENNON

9 de outubro de 1940 — 8 de dezembro de 1980

“Guardo em mim uma fera, um anjo e um louco.”

DYLAN THOMAS

“Abençoados sejam os estranhos —
Os poetas, os desajustados, os escritores, os místicos,
os hereges, os pintores e os trovadores —
Pois eles nos ensinam a ver o mundo...
... com um outro olhar.”

JACOB NORDBY

“É melhor partir de forma triunfal, jovem.”

SIMON NAPIER-BELL

ECOS

Os ritmos da mente e da memória são como as marés. Mudam de forma o tempo todo. Até mesmo aqueles que estiveram presentes, que conheceram e vivenciaram John Lennon em primeira mão, podem ter uma tendência a se esquecer das coisas. Alguns reescrevem a história para preencher as lacunas, e podem ser perdoados por isso. Quarenta anos são uma vida inteira. Para John, foram. Ainda assim, ele não parece muito distante. 2020 é um ano de marcos históricos: aniversário de quarenta anos do assassinato de John, cinquenta anos do fim oficial dos Beatles,^[1] sessenta anos da banda em Hamburgo e ano em que John completaria oitenta. Parece ter chegado a hora de reexaminar tudo e de relembra-lo. Se você tem menos de cinquenta anos, ainda não era nascido quando os Beatles se separaram. Se tem menos de quarenta, não era vivo quando John morreu. Inimaginável? Será que para você, assim como para mim, parece que ele ainda está aqui?

Existem tantas versões de sua história quanto pessoas dispostas a contá-la. Onde a verdade é um ponto de vista, fatos e números podem ser inconvenientes. Quando as reminiscências são distorcidas por deduções e teorias, o resultado pode ser confuso. Se a suposição é a raiz de todos os erros, a especulação é quem rouba o pensamento lógico. Tudo isso é um obstáculo. John cunhou essa ideia (será?) em um verso de “Beautiful Boy (Darling Boy)”, em seu último álbum lançado em vida, *Double Fantasy*: “Life is what happens to you while you’re busy making other plans.”^[2] *

John disse muitas coisas em sua meia-vida contraditória e cheia de acontecimentos. Ele voltava atrás em suas afirmações, reescrevendo a

própria história e redefinindo linhas de raciocínio a todo momento. Essa sua tendência certamente confunde o escritor tanto quanto os relatos conflitantes e as lembranças inconstantes de pessoas próximas a ele, ou de quem cruzou seu caminho. Deixar todo mundo em dúvida é a cara de John. Confuso? Não sou só eu.

*

Nós sabemos o final. Aconteceu numa segunda-feira em Nova York, no dia 8 de dezembro de 1980. Uma noite de ventania, mas atipicamente amena para a época do ano. John e Yoko voltaram para casa de limusine, vindos de uma sessão noturna no estúdio de gravações Record Plant, e chegaram ao edifício Dakota por volta das 22h50, hora local. Foram confrontados por um viajante texano que empunhava uma pistola Charter Arms calibre 38 e um exemplar de *O apanhador no campo de centeio*, de J.D. Salinger. Mark Chapman, de 25 anos, estava à espera deles, e calmamente disparou cinco balas contra John. Quatro delas o atingiram. Ele foi levado por policiais ao Hospital Roosevelt, entre a 59th Street e o Central Park, onde o Dr. David Halleran, um cirurgião geral de 29 anos no terceiro ano de residência, segurou nas mãos o coração de John, fazendo massagem cardíaca e suplicando em silêncio por um milagre.

Doutor *quem?* Mas os relatos anteriores não reconhecem os esforços de Stephan Lynn e Richard Marks por terem agido para salvar a vida de John? Dr. Lynn concedeu muitas entrevistas, com lembranças cada vez mais floreadas. Lynn também alegou que Yoko, deitada, batia a cabeça repetidas vezes no chão do hospital. Em 2015, porém, depois de anos ouvindo outros médicos receberem o crédito, David Halleran foi a público “por uma questão de precisão histórica”. Em uma entrevista para um programa investigativo da Fox TV, ele declarou oficialmente que nem Lynn nem Marks haviam tocado no corpo de John. Tal declaração foi endossada por duas enfermeiras, Dea Sato e Barbara Kammerer, que trabalharam ao lado dele no quarto 115 naquela noite fatal. Yoko também se posicionou na

ocasião, negando a bateção de cabeça histérica. Ela insistiu ter permanecido calma durante todo o processo, para o bem de Sean, filho do casal, à época com cinco anos. Ela confirmou a versão dos fatos do Dr. Halleran. Por que ele não havia se pronunciado antes?

“Parece um pouco inadequado um profissional sair por aí dizendo: ‘Oi, eu me chamo Dave Halleran, cuidei de John Lennon’”, disse ele. “Naquele momento, eu desejava me arrastar para baixo de uma pedra, tudo que eu queria era ir para casa. Eu estava aflito, chateado, a gente acaba se sentindo de certa forma responsável por aquilo que poderia ter feito diferente.”

Você estava nos Estados Unidos naquele momento? Será que era um dos 20 milhões de telespectadores que estavam em casa assistindo ao jogo do New England Patriots contra o Miami Dolphins no *Monday Night Football*, da ABC, interrompido pelo comentarista Howard Cosell para anunciar a notícia bombástica de que John havia levado um tiro? Você estava entre os outros milhões que souberam do acontecimento pela NBC ou pela CBS? Talvez tenha sido um dos milhares que se dirigiram ao Upper West Side para se juntar à vigília? Ou será que estava em outra parte do mundo, informando-se após o ocorrido, e assistiu à legião de fãs em luto que se afundava na lama do Central Park, passava flores pelas grades do edifício Dakota e cantava “Give Peace a Chance” aos prantos? Você ouviu falar que uma versão genérica de “All My Loving” estava tocando no sistema de som do hospital no momento em que Yoko recebeu a notícia de que o marido estava morto? O produtor de TV Alan Weiss ouviu. Por acaso, ele estava deitado em uma maca no corredor do hospital naquele instante, enquanto aguardava atendimento após ter sofrido um acidente de moto. Existem coincidências?^[3]

Se você já era nascido na época e estava na Inglaterra quando tudo aconteceu, é provável que estivesse dormindo profundamente. John morreu por volta das 23 horas no horário de Nova York, em 8 de dezembro (os relatos apresentam variações a respeito da hora exata da morte), o equivalente no Reino Unido a 4 horas da manhã de terça-feira, 9 de dezembro, no Tempo Médio de Greenwich. A notícia

atravessou o Atlântico graças a Tom Brook, correspondente da BBC em Nova York. Ele soube do ocorrido através do ex-magnata do pop e compositor Jonathan King, que naquele tempo morava na cidade. Brook disparou em direção ao Dakota. Ele ligou para o programa *Today*, da Radio 4 de uma cabine telefônica na calçada. Não havia tantos programas de TV matutinos naquela época. A maioria das pessoas ouvia o rádio pela manhã. Eles pediram para Tom ligar de volta às 6h30, quando o programa, coapresentado naquele dia por Brian Redhead, estaria no ar. Brook desenroscou um receptor de telefone do escritório e conectou em um cabo condutor para transmitir relatos do público que havia gravado — nada de internet, e-mail ou celulares — e foi entrevistado ao vivo por Redhead. Quando era hora de nos levantarmos para ir à escola, ao trabalho ou passear com o cachorro, o impensável já estava por toda parte.

*

Onde você estava quando ficou sabendo?

Eis a questão. Aludindo à abertura do eterno solilóquio do príncipe Hamlet, esta é sem dúvida a questão dos nossos tempos.^[4] A Geração Silenciosa, dos nascidos entre a metade e o fim dos anos 1920 até o início e meados dos anos 1940, e os baby boomers do pós-guerra costumam se lembrar de onde estavam e o que faziam quando souberam do assassinato do presidente John F. Kennedy. O assunto surgiu em uma conversa com meus três filhos quando comecei a pesquisa para este livro. “Vocês têm que entender que John Lennon foi o nosso JFK”, falei. “Por quê?”, perguntou meu filho, em idade escolar. “O que um aeroporto tem a ver com isso?”

Os millennials e os pós-millennials, ou Gerações Y e Z, respectivamente, às vezes interpretam a pergunta referindo-se à morte de Diana, princesa de Gales, mesmo que fossem bebês de colo ou nem sequer nascidos quando o acidente aconteceu. É a turma do meio-termo, da chamada Geração X, que começou a surgir na virada para os anos 1960, a mais propensa a associar a pergunta a John Lennon.

Essa é uma tríade de mortes sem sentido que têm mais em comum do que pode parecer a princípio. Nos três casos, as teorias da conspiração persistem. Quando o trigésimo quinto presidente dos Estados Unidos foi assassinado em Dallas, Texas, em 22 de novembro de 1963, as especulações se disseminaram. Teria o suposto assassino, Lee Harvey Oswald, agido sozinho? Será que trabalhava para a Máfia? O atentado tinha ligação com Cuba? Quantos tiros foram disparados? Por trás, de uma janela do sexto andar, ou do infame “canteiro”, à frente do desfile? Até mesmo a física da investigação vem há muito gerando desentendimentos. Quase sessenta anos depois, ainda gera. Depois que a princesa Diana e Dodi Fayed morreram em uma passagem subterrânea de Paris em 31 de agosto de 1997, um misterioso Fiat Uno branco tornou-se o emblema da tragédia. Cento e setenta e cinco acusações de conspiração foram investigadas. O principal demandante, o magnata egípcio Mohamed Al Fayed, estava por trás da mais séria: a de que a morte da princesa foi encomendada porque ela estava grávida de seu filho e herdeiro. Muitos acreditam até hoje que ela foi morta pelo Serviço Aéreo Especial britânico, a SAS.

E chegamos a John. Há muito especula-se que sua morte tenha ligação com a vigilância da CIA e do FBI, como resultado de seu prévio ativismo de esquerda; que o autor do crime, Mark Chapman, era um assassino que sofrera lavagem cerebral, como no filme *Sob o domínio do mal*; que José Perdomo, o hoje falecido porteiro que trabalhava na guarita do edifício Dakota, era um exilado cubano ligado à fracassada invasão militar anti-Castro da Baía dos Porcos em 1961. A simples verdade, no fim das contas, não é capaz de satisfazer os teóricos da conspiração. Ver também “terraplanistas”, “certidão de nascimento de Obama”, “demolição controlada do World Trade Center, 11 de setembro”. Os especialistas apontam o viés de proporcionalidade, explicando que teorias da conspiração são mecanismos de defesa para ocorrências intoleráveis. Aqueles que se afastam da razão precisam encontrar outros culpados.

*

Você já havia nascido em 1980? Tem idade suficiente para se lembrar do cubo mágico de Ernő Rubik, de Margaret Thatcher, Ronald Reagan, e seja lá quem tenha atirado em J.R. no seriado *Dallas*? Consegue se lembrar da estreia do canal de notícias 24 horas por dia da CNN, pioneiro no mundo? Você assistiu aos Jogos Olímpicos de Inverno em Lake Placid? Leu sobre Tim Berners-Lee, o cientista da computação que começou a trabalhar naquilo que se tornaria a World Wide Web? Não tínhamos conhecimento na época, mas 1980 foi o ano que nos deu Macaulay Culkin, Lin-Manuel Miranda e Kim Kardashian; o ano em que nos sacudíamos ao som de “Call Me”, do Blondie, e “Rock With You”, de Michael Jackson, “Coming Up” de McCartney e “Crazy Little Thing Called Love” do Queen; um ano dominado por Bowie e Kate Bush, por Diana Ross e The Police; o ano em que perdemos Jean-Paul Sartre, Alfred Hitchcock, Henry Miller e Peter Sellers; Steve McQueen, Mae West, John Bonham, do Led Zeppelin, e o Beatle John.

Será que você foi a uma loja de discos na sexta-feira do dia 24 de outubro daquele ano para comprar o novo single de John Lennon, “(Just Like) Starting Over”? Talvez tenha ouvido a música no rádio a caminho da escola ou da faculdade e pensado: “É impressão minha ou lembra um pouco ‘Don’t Worry Baby’, dos Beach Boys?” Lançado três dias depois nos Estados Unidos, “Starting Over” se tornaria o maior sucesso da carreira solo de John no país. E acabou sendo seu último single lançado em vida. Em 6 de janeiro de 1981, havia três singles de Lennon no Top 5 do Reino Unido: o supracitado aparecia em quinto lugar, “Happy Xmas (War is Over)” em segundo e, no topo da parada, “Imagine”. A conquista não seria ofuscada pelas próximas três décadas e meia.^[5]

*

Trinta e oito anos depois, em dezembro de 2018, estamos na O2 Arena, na Península de Greenwich, em Londres, para ver Sir Paul McCartney promover seu décimo sétimo álbum de estúdio, *Egypt*

Station. Foi a última parada da empolgante turnê *Freshen Up*. Embora no passado Paul costumasse fazer de tudo para se esquivar de seu legado e tocar quase que exclusivamente composições próprias, esta noite é uma celebração de todo o catálogo, incluindo Beatles, Wings e canções de sua carreira solo. “A Hard Day’s Night”, “All My Loving”, “Got to Get You into My Life”, “I’ve Got a Feeling”, “I’ve Just Seen a Face”. Os refrões pairam no ar, ganhando ainda mais força com a ajuda da plateia radiante. Imagens enormes de John e George surgem ao fundo. Aí vai “In Spite of All the Danger”, a primeira gravação dos Quarry Men. E agora “Here Today”, o pesaroso tributo de Paul a John. Em meio ao turbilhão, Ronnie Wood aparece no palco e, já que está ali, eles “bem que podiam tocar uma música juntos”. Foi a deixa para a entrada de um jovem senhor de 78 anos, que correu para se juntar ao Beatle e ao Stone. “Senhoras e senhores”, exclama Paul, “o sempre fantástico Ringo STARR!” Este, por sua vez, se encaminha para a bateria enquanto Ron ajusta a guitarra. Eles dão início a “Get Back”. O estádio vai à loucura. “Guardem bem esta imagem”, sussurrei para meus filhos. “Metade dos Beatles em um palco, meio século desde a separação. Vocês nunca vão ver isso outra vez.”

*

Será que nós, que nascemos no fim dos anos 1960, sem poder acompanhar em tempo real a magia dos Beatles por ainda sermos crianças, lamentamos não ter vivido essa fase ou não nos importamos tanto com isso? Para mim, foi a segunda opção. Comecei pelos Wings e descobri os Beatles de trás para a frente — mas, só depois da faculdade, e não antes de me apaixonar por Bolan e Bowie, ficar encantada por Lindisfarne, Simon & Garfunkel, Stones, Status Quo, James Taylor, Roxy Music, Pink Floyd, Eagles, Queen, Elton John e os mais variados artistas, grupos e músicas, infinitas músicas, que consumiram minha adolescência. Para aqueles que ainda não estavam aqui, deve ser muito difícil compreender o impacto dos Beatles no mundo. Nada nem remotamente comparável aconteceu durante suas

vidas. As gerações mais antigas estão muito bem-servidas com uma enxurrada de volumes escritos por autores que revisitam a juventude desses artistas. Com exceção de dois livros de memórias escritos pela primeira esposa de John, Cynthia, e por sua meia-irmã, Julia Baird, todas as biografias respeitáveis de John Lennon foram escritas por homens. Ao reimaginarem o tempo que passaram na companhia dos Beatles, às vezes retratando-se na história com mais importância do que de fato tiveram (já que restam poucas pessoas para questioná-los), eles pouco têm a ensinar aos leitores mais jovens e mais entusiasmados que costumam esperar mais do que uma infinidade de fatos e datas e opiniões imponentes. E foi assim que, ao longo dessas quatro décadas desde sua morte, o Lennon mais conhecido entre os fãs mais jovens se distanciou tanto do John que de fato existiu que se transformou praticamente em outra pessoa, não foi?

Só depois da morte de John eu tive a chance de conhecer indivíduos que fizeram parte de sua vida. Paul, George e Ringo. Maureen Starkey, a primeira esposa de Ringo, que se tornou, por certo tempo, minha amiga. Linda McCartney, com quem comecei a colaborar em seu livro de memórias, *Mac the Wife*. O fato de o livro nunca ter sido finalizado nem publicado é uma das minhas maiores tristezas, pois era uma história e tanto. Depois conheci Cynthia Lennon, que me convidou para ser ghost-writer de seu segundo livro. O primeiro, *A Twist of Lennon*, publicado em 1978, tinha deixado um gosto amargo. Frustrada com a recusa de John em se comunicar com ela após tê-la abandonado junto de Julian, filho do casal, para ficar com Yoko Ono, Cynthia escreveu-lhe “uma grande carta aberta, pondo tudo para fora”. Olhando em retrospecto, ela admitiu que teria agido de modo diferente. Depois que a poeira baixou, estava pronta para tentar de novo. Mas ela acabou se envolvendo com o empreendimento de um restaurante fadado ao fracasso, e nosso projeto de publicação ficou de lado. Muitos anos depois, em 2005, ela nos ofereceu *John*, uma abordagem muito mais ousada e confessional do que o primeiro livro. Como jornalista nos anos 1980, acompanhei Julian Lennon no Montreux Rock Festival. Por fim, conheci Yoko

Ono em Nova York.

*

Mais de meio século depois da separação dos Beatles, ainda temos questionamentos. O que foi tudo aquilo? Como conseguiram? Eles foram o maior fenômeno sociocultural de todos os tempos. O impacto da fama e da música dos Beatles ao longo dos anos 1960 afetou tantos seres humanos em cada cantinho do planeta quanto a missão espacial *Apollo 11* e a chegada do homem à Lua em julho de 1969. Neil Armstrong, Buzz Aldrin e Michael Collins tornaram-se celebridades graças à expedição lunar e rodaram o mundo para celebrar a conquista. No entanto, de modo geral, foi uma fama passageira. Qual é o legado deles? Uma bandeira desbotada em uma longínqua superfície celestial. Pegadas na poeira. Uma placa para informar os futuros visitantes da Lua sobre um momento histórico sem precedentes. Que “nós” estivemos lá.

Mas os Beatles não são coisa do passado. Suas canções têm vida, respiram. São tão familiares para nós quanto nossos próprios nomes. A música garante relevância duradoura a seus criadores. Apesar de terem sido gravadas com equipamentos básicos, independentemente de infinitas regravações, remixes, novas capas e relançamentos, os gloriosos sons originais permanecem novos. Não há nada de artificial nas músicas deles. Com exceção de alguns covers, eles escreveram e compuseram as próprias canções. Tocavam os próprios instrumentos. Foram um dos primeiros a abrir uma gravadora própria, a Apple, através da qual também puderam lançar a carreira de outros artistas. Da produção deles, foram vendidas um bilhão de unidades, e, com os downloads, o número cresce todos os dias. Eles lideraram as paradas de singles do Reino Unido dezessete vezes: feito inédito até o momento. Tiveram mais álbuns no topo das paradas britânicas, e por mais tempo, do que qualquer outro artista. Venderam mais álbuns nos Estados Unidos do que qualquer um já conseguiu. A popularidade dos Beatles ao redor do mundo parece intacta. Eles ganharam sete

Grammys e quinze Ivor Novellos. Como artistas mais influentes de todos os tempos, ainda inspiram mais músicos do que qualquer um pode alegar: Three Dog Night, The Bonzo Dog Doo-Dah Band, Lenny Kravitz, Tears for Fears, Kurt Cobain, Oasis, Paul Weller, Gary Barlow, Kasabian, The Flaming Lips, Lady Gaga e The Chemical Brothers, só para citar alguns, caíram nos encantos do Fab Four. Compare “Setting Sun”, canção dos Chemical Brothers com vocais de Noel Gallagher — que pega emprestada a letra dos próprios irmãos Gallagher, “Comin’ on Strong” (também com influência dos Beatles) — com “Tomorrow Never Knows”, do álbum *Revolver*. As músicas dos Beatles já foram gravadas por milhares de cantores de todas as idades e de todos os gêneros musicais possíveis. A propósito, Gaga também sugeriu que, para além da música, os Beatles foram responsáveis pelo nascimento da revolução sexual feminina. Por mim, tudo bem.

A maior de todas as perguntas — por que estamos aqui? — há muito desperta o interesse de artistas e cientistas. Ela nos levou até a Lua. Fez os Beatles criarem músicas. Eles podem não ter se dado conta em um primeiro momento, quando ainda estavam na fase de babar por garotas e rascunhar letras inspiradas nas emoções do amor físico. Mas estavam chegando lá. Não estamos mais próximos de solucionar as grandes questões filosóficas, aqueles aspectos da vida que talvez permaneçam eternamente além do alcance da compreensão humana. Consciência existencial, o dilema do determinismo, a existência ou não de Deus, o mistério de nosso futuro e a probabilidade de haver vida após a morte e reencarnação são temas que, há milênios, incitam análises e estimulam a criatividade. Não podemos nos esquecer de que os Beatles também gostavam de explorar. Eles arriscavam. Criavam de formas inéditas e, a princípio, não tinham noção do próprio dom. Eles deram início à sua grande aventura durante a era televisiva, quando a disseminação de música e mensagem podia ser potencializada — mas antes da revolução digital, sem a internet, quando havia menos informações sobre tudo. Ainda não existiam canais de notícias 24 horas por dia. Era preciso ler os

jornais diários para se informar, nem que fosse apenas as manchetes. As Coisas Importantes ganhavam atenção, e é por isso que a maioria dos habitantes do planeta Terra soube da existência dos Beatles. Eles foram, e são, o perfeito reflexo da cultura e do clima de seu tempo. Por mais que não faltem personalidades gigantescas nos anos 1960 — Bob Dylan, o “Mozart e Shakespeare de sua era”; Muhammad Ali, tricampeão mundial dos pesos-pesados e objetor consciente da Guerra do Vietnã; John F. Kennedy; defensores dos direitos civis, como Martin Luther King e Malcolm X; e os esplêndidos representantes do clássico charme hollywoodiano, como Elizabeth Taylor, Rock Hudson, Cary Grant, Doris Day, John Wayne e outros —, os Beatles ofuscaram todas elas. Seria por eles terem sido unificadores naturais, transcendendo classe, raça, gerações e gêneros com seu apelo irresistível? Por terem oferecido a trilha sonora da década? Porque eram pessoas de verdade, comuns e palpáveis, que, juntas, produziam uma química sobrenatural, gerando um sentimento que toda a humanidade ansiava compartilhar? Será que um dia veremos algo assim outra vez?

Honestamente, eu duvido. Porque nunca teve e não tem relação “apenas” com a música. O efeito dos Beatles foi resultado de uma colisão de fatores que se cristalizaram em um episódio sem precedentes na história. Como havia menos oportunidades de exposição, e menos artistas competindo na mesma arena, se alguém se tornava famoso nos anos 1960, a tendência era que fosse um sucesso gigantesco — mesmo que momentâneo. No Reino Unido do surgimento dos Beatles, havia apenas dois canais televisivos: BBC e ITV. O BBC2 só surgiu em abril de 1964. Nos Estados Unidos, a maioria dos lares tinha um aparelho de TV em 1960, mas só existiam três canais: ABC, CBS e NBC. Portanto, havia momentos em que a grande maioria dos telespectadores assistia ao mesmo programa simultaneamente. Agora que praticamente todos os países contam com uma infinidade de canais, o foco é menos concentrado, e os índices de audiência são fragmentados. Se você por acaso não foi um dos 74 milhões de americanos que assistiram à primeira aparição dos

Beatles no *Ed Sullivan Show*, da CBS, em 9 de fevereiro de 1964, não havia muito mais ao que assistir. Portanto, muitos acabaram fazendo parte do *zeitgeist* sem querer. A radiodifusão também era limitada. No Reino Unido, havia a BBC Light Programme, mas a BBC Radio 1 só surgiu em setembro de 1967, para atender ao público jovem até então dominado por estações “pirata” — Radio London, Radio Caroline, Swinging Radio England — e a Radio Luxembourg.

“A Radio London era os Beatles”, recorda Johnnie Walker, apresentador da BBC. “Agradável e arrumadinha, era aquela estação de rádio que você podia levar para tomar um chá em casa com sua mãe. A Caroline com certeza era os Stones — desleixada, anárquica, não conformista e rebelde [...] estava ali para oferecer liberdade e expressão para a explosão de criatividade artística que marcou os anos 1960.”

Nos Estados Unidos, as estações de rádio Top 40 da maioria das grandes cidades tocavam gravações dos Beatles de 1963-64. Mas a faixa FM mudou o panorama das rádios em 1967, resultando em uma quantidade muito maior de pequenas estações interessadas em música de nicho. Embora tenha acontecido com os Beatles, é raro surgirem artistas de grande alcance hoje em dia. Adele, Taylor Swift, Justin Bieber, Ed Sheeran, Stormzy, Lizzo e Billie Eilish são óbvias exceções. O hip hop atualmente é a grande influência onipresente, e já lançou algumas estrelas: Kanye West; Beyoncé, é claro; Jay-Z. Ainda assim, se compararmos ao que os Beatles fizeram e tudo que conquistaram, é pouco. Eles podem até gerar números que talvez provem o contrário, mas eu ainda afirmaria que não chegam nem perto da popularidade e da influência generalizada dos Beatles.

O advento do rádio transistorizado, invenção que muitas vezes passa despercebida, foi de suma importância. Boa parte dos jovens pôde comprar o aparelho ou ganhar um de presente, e passaram a levá-lo no bolso ou na mochila, e até mesmo para a cama na hora de dormir, para ouvi-lo debaixo das cobertas. Era o que eu fazia. O dispositivo individual de áudio revelou-se um grande divisor de águas no consumo de música. Crianças e adolescentes de hoje têm a

possibilidade de ouvir músicas diariamente através de smartphones com *earbuds* ou fones de ouvido no transporte público, e nunca param para pensar que seus pais e avós talvez se sentassem no andar de cima do ônibus com o ouvido grudado em um radinho, com poucas opções de música disponível para ouvir. Os jovens dos anos 1960 ao menos podiam manter-se antenados, e fizeram parte da lealdade coletiva que os fãs desenvolveram por seus cantores e grupos preferidos.

Quanto ao marketing e aos meios de comunicação de massa, os Beatles foram o primeiro grupo pop a se beneficiar dessas indústrias em ascensão para atrair o novo público-alvo: um vasto e crescente grupo de adolescentes consumidores. Os jovens, muitos deles incentivados a se rebelar graças à influência do rock'n'roll norte-americano dos anos 1950, passaram a adotar identidades, estilos, músicas e outros aspectos de um estilo de vida que ia contra tudo aquilo que era imposto pelos pais. Tradições vitorianas e austeridade pós-guerra eram motivos de revolta. Bainhas subiam, pílulas desciam, e a cultura jovem tornou-se uma força dominante e turbulenta. Os Estados Unidos ostentavam 76 milhões dos chamados “baby-boomers” — ou seja, pessoas nascidas durante ou depois de 1946, no fim da Segunda Guerra Mundial, quando houve um grande aumento na taxa de natalidade do país. Metade de toda a população norte-americana tinha menos de 25 anos. Os Beatles eram vendidos para eles com as mesmas táticas que se utilizavam para comercializar brinquedos, doces e calças jeans. Com as mudanças de estrutura social nos países desenvolvidos, muitas “novas” vozes exigiam ser ouvidas, incluindo mulheres, integrantes da classe trabalhadora e minorias étnicas. Os avanços tecnológicos do pós-guerra, a destruição nuclear iminente, a derrota no Vietnã e outros fatores também tiveram papel importante.

Em poucas palavras? Vamos lá. Os Beatles representavam mudança. Eles eram o anúncio de uma nova direção. Validavam pensamentos alternativos. iam direto ao ponto, diziam aquilo que viam, apresentavam-se do jeito que eram, desprezavam os protocolos, debochavam e fugiam do que era pomposo e pretensioso. O sotaque

de Liverpool, a sagacidade e o senso de humor do grupo tornaram-se viciantes. Enquanto o mundo parecia cambalear pelos anos 1960 em uma trajetória de aparente autodestruição, os Beatles prestavam atenção na calma e na pequena voz interior. Eram sentimentais. Expressavam emoções verdadeiras. Falavam e cantavam suas verdades.

Alguns comentaristas destacaram o assassinato do presidente Kennedy como o fator decisivo para o sucesso dos Beatles nos Estados Unidos. Perplexos e angustiados, os norte-americanos precisavam ter algo a que recorrer, uma distração de toda a tragédia para compensar o peso do luto. Bem na hora, surgem quatro britânicos insolentes com um claro desrespeito por convenções e autoridade. A postura de “homem do povo”, a personalidade, o charme e o glamour de JFK seduziram os Estados Unidos. A chegada dos Beatles naquele momento serviu para preencher o espaço vazio e cumprir a mesma função, como parte do que ficou conhecido como a Invasão Britânica. Conforme a confiança do grupo crescia e as composições evoluíam para abarcar espiritualidade e filosofia, além de assuntos e dimensões até então inexplorados por aqueles que produziam simples música pop, os fãs evoluíam junto. Cada aspecto da imagem dos Beatles foi examinado. Cada nuance de suas existências particulares (tão “particulares” quanto era possível ser, àquela altura) foi invadida e dissecada. Como personificação da liberdade e da juventude destemida, eles foram praticamente santificados. Tudo isso lhe parece exagerado? Caro leitor, aconteceu de verdade.

Amigos meus que se lembram daquela época insana ainda refletem sobre “o que” e “como”. Agora com cinquenta e tantos e até oitenta anos, todos eles adoram falar sobre como tiveram sorte de ter nascido a tempo de vivenciar a experiência do Fab Four em primeira mão. Alguns acreditam que sua geração é “diferente” e “especial” apenas por conta dessa circunstância aleatória. Existe, entre alguns deles, uma condescendência quase tangível em relação àqueles que “nasceram tarde demais”. Veja só você. Os fãs de pop mais jovens, inclusive meus próprios filhos, muitas vezes ficam perplexos com a dominação global dos Beatles. “Por quê”, eles perguntam, mesmo que a indústria da

música tenha nos apresentado posteriormente a Queen, Bowie, Jackson, Madonna, U2, Prince, George Michael e vários artistas fantásticos, e mais recentemente tenha lançado One Direction, The Wanted, BTS (o grupo sul-coreano Bangtan Boys) e, digamos, Little Mix. Por que os Beatles ainda são considerados o supressumo do pop e do rock, uma força insuperável? Porque, através de sua música, de sua aparência e personalidade, os Beatles romperam a barreira do som. Eles mudaram o rumo da história ao se tornar o primeiro grupo de música pop a entrar no coração e na mente de centenas de milhões de pessoas no mundo inteiro. Eles transformaram o pop em uma linguagem universal. Através principalmente de suas gravações e, em menor escala — mas, ainda assim, significativa —, seus filmes, gravações de shows e infinitas entrevistas gravadas, eles continuam a influenciar e a converter novos fãs. Talvez continuem para sempre.

John Lennon, o mais irritadiço, esperto e perspicaz do grupo, o cara incrivelmente talentoso, foi o Beatle preferido. Talvez dotado da melhor voz — embora ele contestasse —, era o músico que mais refletia sua vida e sua época. Era também o mais complexo e contraditório; o que mais se incomodou e o que mais entrou em conflito com o que a fama fizera com eles. Mais do que isso, porém, ele era uma variedade de Johns. Um emaranhado de contradições. Em um minuto era um gozador hilário, em outro, um idiota amargurado. Ao mesmo tempo, bruto e um bebê chorão. Presunçoso, grosseiro, indiferente e paranoico, ele era capaz de ser ao mesmo tempo superextravagante e surpreendentemente contido. Cruel, mas generoso. Indeciso, mas exigente. Impiedoso e autocrítico de uma só vez. Sentia inveja do grande virtuosismo musical de McCartney. Em sua fase pós-Paul, nenhum dos dois foi tão magnificamente criativo quanto eram na época em que compunham juntos, como tinham sido desde a adolescência, quando a química entre os dois desfrutava do frescor da novidade. John tinha o que costumávamos chamar de “personalidade forte”. Ostentava uma postura *carpe diem*. Ferido, desequilibrado e insolente, conquistou seu espaço no mundo com imperfeições e tudo. Ele nunca se importou com o que os outros

pensavam dele. Apreciava a verdade inaceitável, desagradável, inconfessa. Sua vida foi extinta no auge de sua história. Ele estava apenas na metade da jornada. Com a morte, sua mitologia se completa, se preserva para sempre. Embora hoje conheçamos a maioria de seus defeitos e de suas fraquezas, somos capazes de perdoar. Sua memória é santificada. Mais do que qualquer outro artista, John Lennon veio a ser considerado tanto o símbolo quanto a consciência de sua época. Mas quem ele *era*?

*

Para mim, ele se revela de modo mais plausível e confiável através das mulheres formidáveis que fizeram parte de suas quatro décadas de vida, não importa se o amaram ou o negligenciaram, se o consertaram ou prejudicaram, se o fortaleceram ou enfraqueceram. Não importa se o aperfeiçoaram ou o debilitaram. Se tinham algo a oferecer, a tomar, ou se eram indiferentes a ele. Julia, a mãe supostamente “boêmia” e “irresponsável”, que na verdade o adorava e por quem ele era apaixonado, o deixou duas vezes, segundo John. A primeira foi quando seus pais se separaram. O pai os abandonou, e a mãe “despachou” Lennon para viver com a irmã (ela fez isso mesmo?) antes que ele completasse cinco anos. Ele identificou o segundo “abandono” materno como o momento em que Julia foi atropelada por um carro dirigido por um policial de folga e morta na rua em que John morava. Ele tinha apenas dezessete anos. Da janela de seu quarto, era possível visualizar perfeitamente a cena em que o acidente ocorreu. Ele dava de cara com aquilo todos os dias ao acordar, e nunca deixou de ter fantasias com a mãe. Chegou até mesmo a ter desejos sexuais por ela, segundo o terapeuta Arthur Janov, e se perguntava se deveria tentar seduzi-la. A meia-irmã de John, Julia Baird, manifestou publicamente seu repúdio por essa insinuação de incesto. Não havia necessidade de se aborrecer: Freud apresentou o conceito do complexo de Édipo em 1899. Verdade seja dita, poucos adolescentes escapam ilesos. A maioria prefere morrer a ter que admitir algo do tipo. John

era apenas transparente em relação aos próprios sentimentos.

Ele foi criado de modo impecável por sua tia Mimi, a autoritária e dominadora irmã mais velha de Julia. Sua primeira esposa, Cynthia, companheira da escola de arte, engravidou e “teve que” se casar com John quando ele tinha apenas 21 anos, muito antes de estar pronto para assumir tal responsabilidade. O quão tomado pela culpa John ficou em seus últimos anos toda vez que pensava na maneira como Cynthia, após esgotar o escasso acordo de divórcio, passara a se ocupar: escreveu biografias sensacionalistas, abriu restaurantes, desenvolveu um projeto de roupas de cama baratas, juntou as escovas de dente com um chofer para conseguir se sustentar. A primeira empresária/apoiadora não oficial de John foi uma mulher: Mona Best. Seu primeiro amor secreto foi a queridinha do pop Alma Cogan, cuja morte precoce por câncer o fez ter pensamentos suicidas. Yoko Ono, a sedutora, carente e ambiciosa artista japonesa, surgiu na hora certa. Ela era a alma gêmea natural de John Lennon, e foi uma segunda esposa formidável. A assistente de produção May Pang tornou-se amante de John por um curto período — ideia da própria Yoko. Kyoko, a enteada que ele adorava, foi sequestrada pelo pai biológico quando tinha apenas oito anos. John a amava como se fosse sua filha, mas nunca mais a viu.

Ele passou sua meia-vida tentando compensar a própria vulnerabilidade e construindo uma armadura. Havia descoberto o dom para escrever sobre suas emoções desde o início. Compôs “Help!” com apenas 24 anos, por exemplo, expondo sua psique frágil, mas embrulhando tudo na forma de uma canção pop animada. Ele flertava de modo carnal com o Svengali dos Beatles, Brian Epstein. Para fins de pesquisa, nada mais. Declarou que sua banda era mais popular que o Filho de Deus, arruinando sua popularidade nos Estados Unidos.

Os segredos, as vidas e os amores de John continuam a atrair fiéis em peregrinações épicas. Em Liverpool, eles visitam a casa de Mimi, chamada de Mendips; visitam seus colégios e a escola de arte; os locais em que ele se apresentava, incluindo o Casbah e o Cavern (não é o original, mas serve); lugares que inspiraram as canções mais queridas

dos Beatles, incluindo a rotatória, o ponto de ônibus e a barbearia de Penny Lane, o refúgio para órfãos do Exército da Salvação, Strawberry Fields, e a rota do ônibus de Menlove Avenue até o centro da cidade, que John relembra em “In My Life”; o cemitério da igreja de St. Peter, em Woolton, onde jaz o túmulo verdadeiro de uma certa Eleanor Rigby. Foi ela quem inspirou o eterno lamento dos Beatles sobre a condição dos idosos, apresentando uma das letras mais evocativas já escritas: “[...] wearing the face that she keeps in a jar by the door.” O salão paroquial do outro lado do cemitério foi o local em que John conheceu Paul, numa festa da igreja em julho de 1957.

Os fãs também se aglomeram em Hamburgo, cidade em que os rapazes viveram entre 1960 e 1962, e onde acumularam suas dez mil horas essenciais. A oportunidade de tirar fotos na Beatles-Platz, nas casas noturnas Indra e Kaiserkeller, e no local dos antigos Star-Club e Top Ten, onde eles se apresentaram ao vivo por mais horas do que em qualquer outro lugar do mundo, é irresistível. Seguindo pela orla, os fiéis se reúnem do lado de fora do prédio que um dia foi sede de uma instituição de caridade britânica, onde eles tinham acesso a cereais no café da manhã e refeições simples, e também podiam lavar suas roupas de baixo. Os fãs param para beber umas e outras no Gretel and Alfons, um pub que lembra um boteco de esquina britânico e os faz se sentirem em casa. Era lá que seus ídolos costumavam relaxar depois de horas de trabalho, deixando o cansaço tomar conta.

Em Londres, as multidões ainda ficam à espreita do lado de fora da Abbey Road Studios, onde os Beatles gravaram quase todos os seus álbuns e singles entre 1962 e 1970. Tiram selfies na faixa de pedestres mais famosa já pintada. Passeiam da London Beatles Store até a estação Marylebone, onde as cenas iniciais de *A Hard Day's Night: Os reis do iê-iê-iê* foram filmadas; passam pelo número 34 da Montagu Square, antigo endereço de Ringo e uma espécie de centro de recuperação dos Beatles, que John e Yoko alugaram e onde foram presos por porte de drogas, que pertence atualmente a amigos meus, e que hoje tem a placa azul típica de algumas casas de Londres, indicando que ali viveu uma personalidade importante; vão até o

London Palladium, local da famosa apresentação dos Beatles, e à vizinha Sutherland House, antigo domínio do empresário Brian Epstein, de onde ele comandava sua organização, a NEMS; e o número 3 da Savile Row, antigo estúdio e escritório da Apple Corps, onde eles fizeram sua última apresentação ao vivo, em cima do telhado, em 30 de janeiro de 1969.

Em Nova York, o hotel cinco estrelas St. Regis, na Quinta Avenida, primeiro lar de John e Yoko na cidade, ainda faz parte do mapa dos Beatles; assim como o número 105 da Bank Street, no West Village, sua primeira residência formal; e o edifício Dakota, entre a 72nd Street e Central Park West, a última. John foi morto a tiros no local. Yoko ainda mora ali. Eu não sei se conseguiria, mas tudo bem. No endereço onde se encontrava o antigo estúdio Hit Factory, W48th e 9th, os fãs ainda se reúnem para relembrar a gravação do último álbum de John e Yoko, *Double Fantasy*. O restaurante chinês Mr. Chow, na East 57th Street, era o favorito de Lennon. No Central Park, em frente ao edifício Dakota, encontra-se o eterno memorial de John, o Strawberry Fields.

Até mesmo o Japão tornou-se um destino turístico para os fãs de Lennon, por oferecer lembranças de férias felizes em família que John passava ali com sua esposa, seu filho mais novo e os familiares de Yoko. Em Kameoka, Quioto, eles visitam o resort Sumiya, “porque John esteve lá”; Karuizawa abriga o refúgio favorito dos Lennon, o Hotel Mampei; os fãs também frequentam o bairro de Ginza, em Tóquio, à procura das melhores bandas cover dos Beatles — existem centenas por ali.

*

Quem consegue imaginar como era ser John? Talvez nem mesmo o próprio John conseguisse. No auge da fama e da importância dos Beatles, ele cultivou uma consciência aterrorizante de seu vazio existencial. Foi perseguido por um profundo sentimento de decepção e insatisfação pelos bens materiais que a fortuna havia lhe

proporcionado. Nem o reconhecimento e nem as recompensas forneciam as respostas para as perguntas que o atormentavam desde a infância. Abatido pelo medo de que “isso seja tudo”, John chegou até mesmo a levar a religião em consideração. Em dado momento, pediu a Deus que lhe enviasse um “sinal”. Quando nada parecia acontecer, ele voltou-se para a própria imaginação, concluindo que “Deus” era apenas uma energia que vibra sem parar por todo o universo, e que provavelmente era benigna. Ainda assim, ele desejava um tema, um código para seguir, que moldaria sua existência e lhe daria algum tipo de sentido. Foi através das drogas, principalmente o LSD, que ele chegou ao amor.

Em junho de 1967, um convite para os Beatles se apresentarem na primeira transmissão internacional ao vivo de TV via satélite, para quatrocentos milhões de telespectadores, ofereceu a oportunidade perfeita para John promover sua nova temática para o mundo. Caindo na própria propaganda, ele deu início à iludida missão de “aprimorar a humanidade”. Foi isso que os levou à música que tocaram naquela transmissão histórica: “All You Need Is Love”. Para salvar o mundo, é preciso pôr sua própria máscara de oxigênio primeiro. Afinal, o que é o amor se não o desejo de ser amado? A postura de John não combinava tanto com o traço de personalidade que o mantinha são havia muito tempo: seu cinismo inerente. Ele se apegou a ela mesmo assim, como um molusco se agarra a uma pedra, até que Yoko percebeu uma lacuna no mercado e tornou-se a personificação dessa pedra. Apesar da rejeição do mundo e dos próprios Beatles a essa curiosa intrusa asiática, ela tornou-se sua constante, a pessoa mais importante de sua vida. Rumo ao pôr do sol, eles dançavam, de mãos dadas, promovendo a paz mundial.

Hoje em dia talvez fossem ridicularizados. Mas aqueles eram tempos diferentes, não se falava em politicamente correto. Ainda era possível condenar e expor a depravação e o egoísmo sem se tornar alvo das próprias acusações. John, o míssil da paz, saudava a imaginação humana como a chave para a salvação individual e coletiva. Sua distintiva canção, “Imagine”, era a essência de sua clareza pessoal e de